

Mito, literatura e filosofia

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Andréia Santos Marques

Andreza Júnica Ferreira

Marcelo Pimenta Marques

Tereza Pereira do Carmo

Universidade Federal de Minas Gerais

A nossa análise do poema *O Mito*, de Carlos Drummond de Andrade (ver em anexo, no final do texto), pretende demonstrar que o discurso poético pode ser lido como uma propedêutica para o estudo da filosofia e da mitologia. Para ilustrarmos essa tese selecionamos o texto de um poeta canônico e de linguagem acessível. A escolha do poema deveu-se ao fato de ele ser um texto fecundo em imagens e associações pertinentes à reflexão teórico-filosófica do que vem sendo estudado acerca do assunto. Também por este motivo, utilizaremos aqui várias definições de diferentes autores a respeito da compreensão do que é o mito.

Excetuando o título, a referência a mito no corpo do poema não é imediata. A palavra aparece uma vez apenas e, nessa única vez em que aparece, está inserida em uma confissão do poeta. Em *mea culpa*, ele admite ter feito de Fulana um mito (vv. 145-148), e atribui isso à leitura – que nos parece constante, devido ao uso da palavra “nutrindo” – de autores como Petrarca, Ronsard e Camões.

A princípio, poderíamos afirmar que o poema versa somente sobre uma certa fulana, que pode ser uma vizinha ao lado (1-12), a mulher ideal (13-44; 53-54; etc) ou até mesmo todas as mulheres do mundo (45-48; 93-96; 153-164, etc). A essa altura já se percebe, em todo o texto, uma busca empreendida pelo poeta para compreender esta Fulana misteriosa e mutante. Tal caráter ambíguo e enigmático é contemplado por teóricos na reflexão filosófica acerca do mito.

Mircea Eliade define o mito como “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”.¹

Começemos portanto com este caráter múltiplo do mito – e de Fulana – no qual vamos nos deter por agora. O que vem a ser fulana?

Segundo Aurélio Buarque de Hollanda, o termo *fulano*, como *beltrano* ou *sicrano*, é *designação vaga, de pessoa incerta ou de alguém que não se quer nomear*. No uso corrente, *fulano* pode ser também uma depreciação. Como o poeta nos apresenta com letra maiúscula, o termo se transforma em um substantivo próprio, individualizado. Quer seja uma classe, quer seja um indivíduo, Fulana não é uma fulana qualquer. Dessa forma, a palavra que por natureza ‘in’define, nesse caso nomeia.²

Para nós leitores, a identidade de Fulana não está clara; no entanto, percebemos que se trata de uma figura de certa nobreza. Fulana é uma *dama de alta fidúcia* (v. 22), faz caridades (v. 24) e tem a vida social de uma estrela de Hollywood. Assim, Fulana vai-se constituindo como uma figura célebre, uma atriz de comercial de dentifrício (97-100), uma atleta (vv. 13-20) ou ainda uma diva da literatura (55; 88). A imagem de Fulana nos versos 42, 43, 44 evoca – dentro do contexto mítico – a de Galatéia,³ uma escultura intangível que o poeta almeja que se torne viva. Contudo, em sua complexidade, essa Fulana é por vezes percebida apenas por ele (vv. 63-80), que sai à sua procura, perguntando aos quatro cantos sobre ela e nada encontra. Nem os operários, nem os boiadeiros, nem mesmo os doutores a viram. Seria, então Fulana real? Imaginária ou não, o poeta conclui – *Fulana às vezes existe demais* (vv. 61-62). Tal comentário se aproxima da concepção de que o mito não é uma ‘história mentirosa’ para as sociedades arcaicas. Esta oposição ‘fantasia *versus* realidade’ nos remete ao conceito

¹ ELIADE, 2000. p. 11.

² Também em Homero encontramos recurso semelhante. Ulisses chama a si mesmo “Ninguém”, identificando-se através de um nome que não lhe atribui existência. Cf. *Odisséia*, canto IX, v. 366.

³ Existem duas Galatéias, a saber, a ninfa filha de Nereu, Ovídio, *Metamorfoses*, 13, vv. 700 ss. (que é inclusive representada pelo pintor Rafael, afresco de Villa Farnesina, Roma), e a estátua feita por Pigmalião, no mito Pigmalião e Galatéia, que se torna humana pelo poder de Afrodite. Ovídio, *Metamorfoses*, X, 243-297. Para este artigo, destacamos essa última.

de mito trabalhado por Detienne. Para o helenista, o mito apresenta-se, desde a antiguidade, como narrativa fantasiosa,⁴ história inventada. Mircea Eliade, por sua vez, salienta, desde o primeiro capítulo do seu livro *Mito e Realidade*, a veracidade do mito para quem nele crê, afirmando que há mais de meio século estudiosos já não entendem o mito simplesmente como uma história falsa. Sendo assim, tal qual era entendido pelas sociedades arcaicas, o mito designa ao contrário uma história verdadeira, e ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado.⁵ Eliade insiste nessa vertente afirmando que

... o mito é considerado uma história sagrada e, portanto uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades. (...) Acrescentamos que, nas sociedades em que o mito ainda está vivo, os indígenas distinguem cuidadosamente os mitos – histórias verdadeiras – das fábulas ou contos, que chamam de ‘histórias falsas’.⁶

Também para Walter Burkert⁷ essa intuição do poeta é motivo de elaboração teórica. Vejamos um pequeno trecho:

Um mito é ilógico, inverossímil ou impossível, talvez imoral, e, de qualquer modo falso, mas ao mesmo tempo compulsivo, fascinante, profundo e digno quando não mesmo sagrado.

Tomando como referência os estudos de Detienne, Burkert e acrescentando o primeiro significado que apontou Eliade acerca de uma *realidade cultural muito complexa* – o que tentamos demonstrar com a Fulana célebre e ao mesmo tempo desconhecida – observaremos que em outras passagens do poema Fulana manifesta aspectos ainda mais variados. É personagem fascinante, vinda dos relatos míticos (v. 88; vv. 41-44), ou seja, um ser acima dos mortais, um ser que ultrapassa os limites do cotidiano. Fulana em alguns momentos pode ser vista assim: uma Medéia, feiticeira na Cólquida ou uma estátua em representação cristalizada de um personagem mitológico como já afirmamos, modelada por Pigmalião em mármore.

⁴ DETIENNE, 1981.

⁵ ELIADE, 2000. p. 12.

⁶ ELIADE, 2000. p. 12, 13 e 16.

⁷ BURKERT, 1991. p.15.

Nos versos 97-99, Fulana tem mil dentes, sendo uma figura estranha como a Fama. Em Virgílio, essa figura mitológica tem ‘tantas penas no corpo quantos olhos sob elas’ ‘tantas línguas e bocas para falar quantos ouvidos que a escutam’.⁸ Ainda dentro do exagero mítico, nos versos 37 a 38, a sua casa tem mil fechos.

Fulana na sua intangibilidade estuda o rosto do poeta ‘precário’ que mendiga por ela (vv. 50-52) e diz: Coitado, tadinho (vv.127-128). Comparativamente, o mito entendido como narrativa a respeito de deuses e heróis que trata do divino e inacessível tem uma complexidade que não impede que ele seja formulado também de forma pessoal (vv. 145-148; 153-156 vv. 161-162) e até mesmo prosaica vv.45-46; vv.59-60: *como será fulana no seu banheiro esconde algo? Tem coxas reais? cintura?* A estas questões poderíamos associar as teorias dos estudiosos que afirmam ser o mito uma narrativa popular e tradicional, embora acessível a uma formulação individual.⁹

Observando portanto a Fulana do poeta, podemos admitir que ela e o mito se mostram intrinsecamente correlacionados. O título do poema já nos aponta esta leitura, pois ao nomeá-lo, o poeta apresenta o substantivo comum ‘mito’ determinado pelo artigo. Sofisticamos assim a leitura inicial que concebia a fulana como a vizinha do lado, a mulher ideal ou todas as mulheres do mundo e passamos a compreendê-la como a Fulana-Mito, metáfora de um conceito literário-filosófico. Recorrendo novamente ao Aurélio para a definição de mito, podemos comprovar essa relação.

Mito: narração dos tempos fabulosos ou heróicos; (...) representação de fatos ou personagens reais exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc.; pessoa ou fato assim representado ou concebido.

Detienne,¹⁰ no estudo do termo mito, aponta para um outro campo semântico muito expressivo no Iluminismo: “a mitologia é ‘a sombra obscura que a linguagem lança sobre o pensamento’ no momento de sua gênese”. Nos versos abaixo, Fulana é misteriosa, fabulosa e enigmática:

⁸ VIRGÍLIO. *Eneida*, canto 4.

⁹ Wilhelm Schapp, 1976 *apud* BURKERT, 1991. p. 18.

¹⁰ DETIENNE, 1998. p.30.

Fulana será gente?
Estará somente em ópera?
Será figura de livro?
Será bicho? Saberei?
(vv. 53-56)

Um outro aspecto apresentado por Mircea Eliade a respeito de mito é seu caráter dinâmico aproveitado e desenvolvido por Lévi-Strauss na sua Antropologia Estrutural. É muito comum conhecermos não uma, mas várias versões sobre um mesmo mito. O antropólogo quanto a isso afirma: “Não existe versão verdadeira da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito.”¹¹

Fulana-metáfora-do-mito também apresenta estas características. Ela é toda dinâmica e nas palavras do poeta, *tem um motor na barriga, suas unhas são elétricas, seus beijos refrigerados* (vv. 137-140). É multifacetada pelo poeta que lhe dá *todas as faces de seu sonho que especula* (vv.161-162). Além de dinâmica, Fulana é viva (vv. 153-156), seja no sentido específico da palavra – ser sempre em crescimento – seja no sentido que propõe Eliade, “no sentido de que fornece modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”.¹²

Pois Fulana *ama as flores, as artérias e as debêntures* (vv. 131-132) e finalmente elimina as contradições do poeta, apazigua seu sofrimento, seus enigmas, suas contradições (vv. 173-180).

Todavia, se não quisermos observar Fulana como fonte de significação para a existência do poeta, podemos observá-la talvez como um paradigma para o comportamento humano. Muitas vezes já ouvimos falar de mitos gregos em teorias como, por exemplo, as propostas por Freud sobre o complexo de Édipo e sobre o narcisismo. No poema de Drummond também podemos perceber Fulana como “um modelo de conduta”. Fulana é “a mulher fatal” (vv. 93-100), entre ela e o poeta é apresentada uma relação de distanciamento, a qual só será rompida no fim do poema.

Eliade, em *Mito e realidade*, obra já citada neste artigo, no capítulo V, “O tempo pode ser dominado”, separa um subtópico intitulado “Freud e o conhecimento das origens” onde se dá ênfase à busca da origem feita pela Psicanálise (cf. v. 100 do poema). Segundo ele, esta abordagem

¹¹ LÉVI-STRAUSS, 1973. p. 252.

¹² ELIADE, 1972. p. 12, 13 e 16.

propõe uma valorização das origens – que são vistas como um estado de ‘beatitude’ – através da vivência reflexiva que busca esclarecer (jogar luz sobre) os momentos marcantes do passado pessoal. Associando psicanálise e mitologia, autor esclarece que:

O fato de Freud postular a beatitude no início da existência humana não significa que a psicanálise tenha uma estrutura mitológica, nem que ela se sirva de um tema místico arcaico ou que ela aceite o mito judaico-cristão do Paraíso e da queda. A única analogia que se pode estabelecer entre a psicanálise e a concepção arcaica da beatitude e da perfeição da origem deve-se ao fato de Freud haver descoberto o papel decisivo do ‘tempo primordial e paradisíaco’ da primeira infância, a beatitude anterior à ruptura (*i. é.*, o desmame), ou seja, antes que o tempo se converta, para cada indivíduo, em um “tempo vivido”¹³

A psicanálise então, na busca do tempo primordial, propõe uma volta às origens, um voltar atrás para reviver certos incidentes traumáticos da primeira infância e assim, quem sabe saná-los. E nesse contexto, também Fulana, que é “enigmas, causas primeiras” (v. 152), se identifica com o mito: “relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. (...) Os mitos revelam, portanto a sua atividade criadora e desvendam a sacralidade...”

Depois de todo um processo de busca relatado no poema, o movimento feito pelo poeta a partir dos vv.157 ss. é de fato a proposta de uma nova gênese para a relação de ambos.

Ao fim do poema o poeta insere Fulana no seu cotidiano e estabelece para eles um amor realizado e saciado. Fulana é posta no mesmo patamar em que o poeta se encontra. Ele a ‘des’mitifica. Ela perde a aura de mistério e se transforma em ‘amiga’, em solução. A transformação de Fulana em Amiga elimina a dor, mas elimina também o brilho e a magia da Fulana idealizada.

Este trabalho foi uma pequena amostra de como, a partir de um texto contemporâneo podemos pensar em questões discutidas na antigüidade e presentes ainda hoje com relação ao mito. Neste texto apontamos alguns aspectos conceituais de fundamental importância: o caráter enigmático do mito, relato divino que desafia sua compreensão humana; o questionamento da divinização mítica na confrontação com

¹³ ELIADE, 1972. p. 74.

a precariedade do cotidiano dos homens; a complexidade derivada da multiplicidade de suas versões; a incidência da questão do mito sobre a demarcação entre o real e o imaginário; a valorização das origens e finalmente a importância do mito como modelo de comportamento.

Referências Bibliográficas

BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Trad. M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1991.

DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Trad. A. Telles e G. M. Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DRUMMOND, Carlos. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. J. Guinsburg; M. Schnaideman. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Trad. A. Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Ch. S. Katz & E. Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

OVIDE. *Les metamorphoses*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

VIEGAS, Sônia. Mito: pensar por imagens. *Cadernos de Textos n.º 2 Mito*. set. 1994.

VIRGILE. *Enéide*. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

Resumo

A abordagem de *O Mito*, texto do poeta Carlos Drummond de Andrade, é um terreno fértil para reflexão teórico-filosófica. Para nossa análise utilizaremos aqui, várias definições de diferentes autores acerca do que vem a ser ‘mito’.

O poema tem como eixo central a figura de Fulana. Em todo o poema podemos perceber uma busca para compreender esta Fulana misteriosa e multifacetada. Este caráter ambíguo e enigmático já é designado pela forma como o poeta a nomeia. O termo *fulana* significa: *uma idéia vaga de alguma pessoa, alguém que não se quer nomear ou depreciação de uma pessoa qualquer*. Tomada com letra maiúscula, como o poeta nos apresenta, esta palavra se transforma em um substantivo próprio, individualizando Fulana. Assim, Fulana para o poeta não é uma fulana qualquer, mas a Fulana. A nossa associação de Fulana com o título do poema é uma leitura de Fulana como metáfora de mito.

Abstract

The study of *O Mito* by Carlos Drummond de Andrade, is a fertile field for the theoretical and philosophic reflection. In our analyses we will use many definitions by different writers about what the “myth” is.

The poem has the image of “Fulana” as its central point. Along the whole poem we can perceive an attempt to comprehend this mysterious and multifaceted “Fulana”. The form that the poet takes to name her designates this ambiguous and enigmatic characteristic. The term “Fulana” means: *a vague idea about a person, someone that we don’t want to name or the depreciation of any person*. Taken with the capital letter, as the poet presents, this word changes into a substantive, individualizing Fulana. Though, Fulana for the poet is not any Fulana, but the Fulana. The association of Fulana with the title of the poem is our reading of Fulana as a metaphor of the myth.

ANEXO

O Mito

Carlos Drummond de Andrade

1. Sequer conheço Fulana,
2. vejo Fulana tão curto,
3. Fulana jamais me vê,
4. mas como eu amo Fulana.

5. Amarei mesmo Fulana?
6. ou é ilusão de sexo?
7. Talvez a linha do busto,
8. da perna, talvez do ombro.

9. Amo Fulana tão forte,
10. amo Fulana tão dor,
11. que todo me despedaço
12. e choro, menino, choro.

13. Mas Fulana vai se rindo...
14. Vejo Fulana dançando.
15. No esporte ela está sozinha.
16. No bar, quão acompanhada.

17. E Fulana diz mistérios,
18. diz marxismo, rimmel, gás.
19. Fulana me bombardeia,
20. no entanto sequer me vê.

21. E sequer nos compreendemos.
22. É dama de alta fidiúcia,
23. tem latifúndios, iates,
24. sustenta cinco mil pobres.

25. Menos eu... que de orgulhoso
26. me basto pensando nela.
27. Pensando com unha, plasma,
28. fúria, gilete, desânimo.

29. Amor tão disparado.
30. Desbaratado é que é...
31. Nunca a sentei no meu colo
32. nem vi pela fechadura.

33. Mas eu sei quanto me custa
34. manter esse gelo digno,
35. essa indiferença gaia
36. e não gritar: Vem, Fulana!

37. Como deixar de invadir
38. sua casa de mil fechos
39. e sua veste arrancando
40. mostrá-las depois ao povo

41. tal como é ou deve ser:
42. branca, intacta, neutra, rara,
43. feita de pedra translúcida,
44. de ausência e ruivos ornatos.

45. Mas como será Fulana,
46. digamos, no seu banheiro?
47. Só de pensar em seu corpo
48. meu se pune... Pois sim.

49. Porque preciso do corpo
50. para mendigar Fulana,
51. rogar-lhe que pise em mim,
52. que me maltrate... Assim não.

53. Fulana será gente?
54. Estará somente em ópera?
55. Será figura de livro?
56. Será bicho? Saberei?

57. Não saberei? Só pegando,
58. pedindo: Dona, desculpe...
59. seu vestido esconde algo?
60. tem coxas reais? cintura?
61. Fulana às vezes existe
62. demais; até me apavora.
63. Vou sozinho pela rua,
64. eis que Fulana me roça.
65. Olho: não tem mais Fulana.
66. Povo se rindo de mim.
67. (na curva do seu sapato
68. calcanhar rosa e puro.)
69. E eu insolente, pervagando
70. em ruas de peixe e lágrima.
71. Aos operários: A vistes?
72. Não, dizem os operários.
73. Aos boiadeiros: A vistes?
74. Dizem não os boiadeiros.
75. Acaso a vistes, doutores?
76. Mas eles respondem: Não.
77. Pois é possível? pergunto
78. aos jornais: todos calados.
79. Não sabemos se Fulana
80. passou. De nada sabemos.
81. E são onze horas da noite,
82. são onze rodas de chope,
83. onze vezes dei a volta
84. de minha sede; e Fulana
85. talvez dance no cassino
86. ou, e será mais provável,
87. talvez beije o Leblon,
88. talvez se banhe na Cólquida;
89. talvez se pinte no espelho
90. do táxi; talvez aplauda
91. certa peça miserável
92. num teatro barroco e louco;
93. talvez cruze as pernas e beba
94. talvez corte figurinhas,
95. talvez fume piteira,
96. talvez ria, talvez minta.
97. Esse insuportável riso
98. de Fulana de mil dentes
99. (anúncio de dentifrício)
100. é faça me escavacando.
101. me ponho a correr na praia.
102. Venha mar! Venham caçõdes!
103. Que o farol me denuncie!
104. Que a fortaleza me ataque!
105. Quero morrer sufocado
106. quero das mortes a hedionda,
107. quero voltar repelido
108. pela salsugem do largo,
109. já sem cabeça e sem perna,
110. à porta do apartamento,
111. para feder: de propósito,
112. somente para fulana.
113. E Fulana apelará
114. para frascos de perfume.
115. Abre-os todos: mais de todos
116. eu salto, e ofendo, e sujo.
117. E Fulana correrá
118. (nem se cobriu: vai chispando)
119. talvez se atire lá do alto.
120. Seu grito é: socorro! e deus.

121. Mas eu não quero nada disso.
122. Para que chatear Fulana?
123. Pancada na sua nuca
124. na minha é que vai doer.
125. E daí não sou criança.
126. Fulana estuda meu rosto.
127. Coitado: de raça branca.
128. Tadinho: tinha gravata.
129. Já morto, me quererá?
130. Esconjuro, se é necrófila...
131. Fulana é vida, ama as flores,
132. as artérias e as debêntures.
133. Sei que jamais me perdoara
134. matar-me para servi-la.
135. Fulana quer homens fortes,
136. couraçados, invasores.
137. Fulana é toda dinâmica,
138. tem um motor na barriga.
139. Suas unhas são elétricas,
140. seus beijos são refrigerados,
141. desinfetados, gravados
142. em máquina multilite.
143. Fulana, como é sadia!
144. Os enfermos somos nós.
145. Sou eu, poeta precário
146. que fez de Fulana um mito,
147. nutrindo-me de Petrarca,
148. Ronsard, Camões e Capim;
149. que sei embebida em leite,
150. carne, tomate, ginástica,
151. e lhe colo metafísicas,
152. enigmas, causas primeiras.
153. Mas, se tentasse construir
154. outra Fulana que não
155. essa de burguês sorriso
156. e de tão burro esplendor?
157. Mudo-lhe o nome; recorto-lhe
158. um traje de transparência;
159. já perde a carência humana;
160. e bato-a; de tirar sangue.
161. E dou-lhe todas as faces
162. de meu sonho que especula;
163. a abolimos a cidade
164. já sem peso e nitidez.
165. E vadeamos a ciência,
166. mar de hipóteses. A Lua
167. fica sendo o nosso esquema
168. de um território mais justo.
169. E colocamos os dados
170. de um mundo sem classe e imposto,
171. e nesse mundo instalamos
172. os nossos irmãos vingados.
173. E nessa fase gloriosa,
174. de contradições extintas,
175. eu e Fulana, abrasados,
176. queremos... que mais queremos?
177. E digo a Fulana: Amiga,
178. afinal nos compreendemos.
179. Já não sofro, já não brilhas,
180. mas somos a mesma coisa.
181. (Uma coisa tão diversa
182. da que pensávamos que fôssemos.